

Festa de terecô em Bacabal

Fladney Francisco da Silva Freire

RESUMO

O presente trabalho enfoca de modo particular a Tenda Espírita Terreiro de São Raimundo Nonato, terreiro da minha família biológica, localizado na região central do estado do Maranhão, município de Bacabal, na zona urbana, com 25 anos de funcionamento e diversas festas ocorrendo no ciclo anual da casa. O festejo destinado ao padroeiro ocorre entre os dias 24 de agosto e 03 de setembro e, nessa festa, são confeccionadas novas vestimentas, além de contar com a participação de muitos outros terreiros. Trata-se de um mundo vasto e múltiplo, como variados são os terreiros onde os festejos se realizam e roupas de rituais são utilizadas. É nas festas que temos espaços de circulação de “dádivas”, no sentido dado por Marcel Mauss, pois a festa é um universo que invoca o mundo religioso e festivo, social, político, econômico, estético e de relações de parentesco. O enredo do trabalho consiste em lançar notas sobre alguns aspectos do trabalho de campo, realizado em 2016/2017, abordando questões sobre alteridade próxima e estruturação da festa.

Palavras-chave: Festa. Terreiro. Trabalho.

Introdução

O que é o Terecô? O Terecô é uma religião afro-brasileira muito difundida na região central do Maranhão e atualmente é comum encontrá-la em outras regiões da federação. É uma religião de possessão tendo um vasto repertório de entidades organizadas em famílias, sendo a família de Légua Boji Buá bastante conhecida pelo Brasil. (Mundicarmo Ferretti, 2003; Ahlert, 2013; Freire, 2018). No Terecô é possível encontrar animais encantados e cultos aos orixás, além de outras diversidades de entes espirituais.

É importante pensar a categoria festa relacionada ao equivalente sentido de “festejo”, “berequete”, “tambor”, “terecô”, “verequete”. De certa maneira, são categorias acionadas com referências ao tempo que é especial, cíclico, pautado em regras que são diferentes das que governam os dias cotidianos.

Prado (2007) nos ensina:

[...] A categoria festa, apesar de constituir um evento específico, distinguido pela própria cultura local como tal, é uma categoria relativa que depende, para ser conceituada, não de elementos puramente substantivos ou formais, mas de posições contextuais e de pontos de vista de seus agentes” (Prado, 2007, p. 119)

Nesse sentido é importante relatar que o presente trabalho apresenta resultados da pesquisa de mestrado (Freire, 2018), o foco do texto consiste em abordar elementos do campo realizado em 2016/2017 na cidade de Bacabal (MA), no *terreiro* da minha família, o qual frequento e onde desenvolvo minha espiritualidade.

O *terreiro* completou 25 anos de existência em 2018, é chefiado por Francisco de Folha Seca e Angela de Oxum, meus pais biológicos. A maior festa ocorre entre o final de agosto e início de setembro, tendo São Raimundo Nonato como padroeiro do *terreiro*.

Durante o período festivo ocorrem processos de visitas e organizações dos espaços para receber diversas pessoas. Existe, nesse contexto, o princípio do sucesso da casa de santo – vinculada ao número de visitantes, fartura na alimentação, realização de uma indumentária nova para o santo, além do poder das entidades.

Tudo o que é realizado no *terreiro* é consultado aos donos, no caso, as entidades. São elas que direcionam a cor da roupa, obrigações, preparação dos assentamentos da casa e dos filhos de santo, de forma que ninguém faz nada de forma aleatória. Existe nesse contexto uma dívida dos homens para com os Deuses e eles (entidades e Deuses) sabem o preço das coisas (MAUSS, 2003).

Nos dias de festa é como se houvesse uma grande confraternização, com muita alegria, irreverência, banhos, cheiros e muito tambor sendo tocando, para rodadas e rodopiadas dentro do salão. É como se fosse um espetáculo para ser experienciado e observado.

O campo em casa

O campo de pesquisa tem se constituído no *terreiro de santo* da minha família – alteridade próxima. O interesse em trabalhar com meus familiares se deu por um empenho compartilhado, algo que consistia em falar sobre o Terecô em um contexto que não era comum nas narrativas clássicas. Outro ponto estava relacionado ao contexto obtuso da relação entre os poderes constituídos e o Terecô.

Saliento que a pesquisa foi sendo diluída entre o “eu” antropólogo e o “nós” “nativos”. Nesse processo, não advogo que um “nativo” possa escrever melhor sobre o campo, não é minha intenção. O trabalho de Velho (1980) me ajudou a pensar o campo, por descentrar a premissa que estaria eu imbuindo o trabalho de senso comum ou de discussões sobre imparcialidade:

Esse movimento de relativizar as noções de distância e objetividade, se de um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento geral, por outro lado permite-nos observar o familiar e estudá-lo sem paranoias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutro (p. 129).

Partindo desse viés, é importante dizer que essa pesquisa é realizada no seio da minha família e, assim, tenho entendido o processo de estranhamento como um mecanismo para poder tomar distância. Partilhar essa experiência só tem sido possível a partir da teoria, pois a antropologia autorreflexiva e do “autoconhecimento” (STRATHERN, 2006) é importante para problematizar o meu local no campo, percebendo por dentro para poder apreciar como se estivesse vendo do lado de fora. É sair do cotidiano para observar aquilo que não se vê no fluxo ordinário dos dias.

Dois mil e dezesseis foi um ano atípico, pois não acompanhei o processo de elaboração das roupas diretamente e dos demais detalhes da festa, no caso a pré-festa. Nesse mesmo período estava morando em Goiânia (GO) - realizando os créditos do mestrado. Meu deslocamento ocorreu no período do festejo para Bacabal (MA) e quando cheguei em casa minha *roupa nova* já estava confeccionada e os demais elementos da festa já estavam quase prontos, sendo diferente dos anos anteriores.

No entanto, grande parte foi sendo acompanhada por mim pelo WhatsApp. Criamos grupos para socializar as informações da festa, fotos e áudios davam conta dos detalhes de preparação e foi assim que a tecnologia me ajudou no processo de aproximação e ferramenta de campo.

Em 2017 acompanhei de perto a preparação da festa, em grande parte organizada antes do seu acontecimento. No dia 23 de agosto iniciaram-se as novenas. A cada noite um grupo de pessoas fica responsável pela reza. O primeiro dia é composto por toques de tambores e a roupa branca é utilizada.

Ao final de cada reza os noitários distribuíram bolos, sucos, refrigerantes, mingau e café. Os noitários sempre organizam suas rezas e em alguns casos convidam amigos para participar.

Durante o ano é possível acompanhar a confecção das roupas, conversas sobre a organização das festas e, principalmente, a aproximação do festejo em agosto, marcado pelo entusiasmo e ansiedade.

O ritmo da casa fica marcado pelo trânsito de muitas pessoas e é comum haver pessoas andando e conversando por todos os lugares. Nas vésperas de festa a casa fica repleta de pessoas, roupas são colocadas ao sol para tirar o cheiro de mofo e em outros casos são lavadas.

Banhos são preparados e pessoas são colocadas em equivalência às entidades. Nos dias ordinários as “coisas” estão nos espaços, no entanto é na festa que sua beleza é ressaltada. Não existe um “nós e eles”. As duas categorias entram em processo de confluência e, no final, toda a beleza é para elas.

Cada sentido, roupa por roupa, foto por foto, tudo só é possível de acontecer pela proeza das entidades. Os dias que antecedem o festejo são marcados pelo processo de organização da casa e decoração dos espaços. É comum a compra de tecidos para os altares e aplicação de bandeiras, bem como decoração de andores da procissão, organização da alimentação e estoque, além da vestimenta do Boi Diamante.

Nesse mesmo período no ano anterior, em meio a tanta beleza existia o caos, pois na política brasileira ocorria impeachment da presidenta Dilma, ano de 2016. Em meio à preparação da festa, de forma simultânea, acompanhávamos sua defesa no Senado. Televisão ligada, algo fora do comum, pois ela não costuma ser utilizada no período da festa. Havia muita gente acompanhando o desenvolvimento do processo, pois todos aguardavam o resultado.

A saída de Dilma significou consequências péssimas para o Nordeste. Em 2017, novas questões tomaram a cena, retrocessos em nome do desenvolvimento econômico. Mesmo com os fatos políticos acontecendo, a festa - que é um fato político de resistência - também continuou seguindo o fluxo, entre perguntas e respostas sobre o futuro.

Com a proximidade do festejo de São Raimundo, últimos arremates foram realizados, decoração e finalização das roupas. As cozinheiras, os seguranças, o DJ do som e os tambozeiros haviam sido contratados com antecedência.

O salão estava decorado com as cores da roupa do orixá homenageado e nos altares externos ao *terreiro* as cores seguiam a homenagem aos donos do ponto. Os alimentos estavam estocados, sendo grande parte comprada pelo meu pai e pela minha mãe, mas algumas coisas foram recebidas por doações.

Para os brincantes, além da roupa e da casa cheia de convidados, uma festa só pode ser bonita se tiver muita comida, em grande variedade, pois os convidados não podem sair reclamando que não comeram bem. A alimentação é um atrativo para chamar convidados.

No contexto da festa, “a salva no cruzeiro” ocorre às 6h do dia 30/08, sendo a primeira obrigação da festa. Esta é uma obrigação realizada em jejum, com todos vestindo branco e com a cabeça protegida, então alguns brincantes tratam de entrar com ela na gira amarrada ou com chapéu de palha. Há quem prefira boné, o central é o cuidado com a cabeça. Esse é o membro que deve ser resguardado. O médium tem sua cabeça vinculada aos assentamentos do *terreiro*.

Nossa cabeça é sagrada, então poucas pessoas podem pegar/tocar/rezar nela. Entidades podem ser retiradas de você pela cabeça, assim como entidades maléficas podem ser colocadas. Somente o Pai ou Mãe de Santo têm liberdade em pegar na cabeça de um médium.

No momento da salva, formamos um círculo em volta do cruzeiro, com o joelho no chão e cabeça também apoiada no chão. Com a primeira doutrina, um a um vai recebendo sua entidade, todos batendo as mãos no chão.

A doutrina era a seguinte: *Salvara é vovó, Salvara é vovó, terreiro é seu vovó, Salvara a é a é vovó, Salvara é vovó, Salvara é vovó, terreiro é seu vovó, Salvara a é a é vovó*. Quando meu pai muda de doutrina, as entidades e pessoas são levantadas e todos seguem rodando em volta do cruzeiro.

A salva é destinada principalmente aos pretos velhos, entidades designadas para abrirem os caminhos. A velhice aparece ligada à sabedoria. A oralidade como fonte de conhecimento. Outras entidades também se manifestam nesse momento, como Caboclos e Léguas.

Depois da obrigação é sempre servido o café da manhã e ficamos conversando por bom tempo. No intervalo entre a primeira obrigação e o momento da lavagem de cabeça, cada filho de santo buscou fazer algo diferente. Alguns terminam pendências da decoração da festa, outros buscam resolver as pendências das roupas e a outra parte com o material da lavagem de cabeça.

Durante a organização, o som foi instalado pela manhã do dia 29/08/2017 e as cozinheiras estavam a todo vapor. No dia 30/08, devido à quantidade de obrigações, o almoço foi servido duas vezes, uma às 11h e a outra às 14h, mas como boa parte dos brincantes fez a obrigação da lavagem de cabeça, optaram em não comer, por sentirem fastio. O fastio é atribuído às entidades que ficam por perto e não gostam de comida. As entidades sentem nojo da comida mundana, às quais nomeiam de babujo.

A obrigação de lavagem de cabeça é realizada em alguns adeptos, mas a participação de todos no momento do toque de tambor é obrigatória. Esse é o ritual de renovação anual da vida no santo e o adepto precisa se sentir preparado para realizá-lo.

Uma obrigação de cabeça requer alguns cuidados e privações, como a proibição de sexo por uma semana, mulheres em ciclo menstrual não podem fazê-lo, não é permitido o consumo de limão ou pimenta e o contato direto de outras pessoas com a cabeça de quem está em obrigação.

A roupa utilizada é a branca, sendo de preferência a que não será usada na festa durante a noite de abertura. O ritual de lavagem de cabeça é iniciado entre 12h e 13h e, nesse momento, foram utilizadas saias e blusas ou vestidos pelas mulheres, calça e camisa ou bata pelos homens.

Cada brincante leva o seu material, suas velas, seu balseo santo e espírito da vida, sua gilete, seu pano branco e seus banhos de cabeça, assim como seu coco verde, algo que não pode ser compartilhado, pois esse elemento é de extrema ligação entre o sujeito e a entidade.

Durante esse período passei a observar a roupa utilizada pelos tambozeiros. Eles estavam de bermuda e isso é algo comum, não configura ofensa, mas é notório que existe um discurso do tipo ideal, daquilo que seria o melhor modelo. No entanto, este, assim como outros fatores, nem sempre consegue entrar nessa lógica. A cobrança em relação à vestimenta começa a partir da abertura do *terreiro* na parte da noite.

Em vários momentos durante as festas é comum as entidades se cumprimentarem e brincarem entre elas e com cavalos. As entidades da família de Léguas são conhecidas como farristas e são bastante comunicativas. Depois desse momento, todos foram cuidar dos afazeres.

As filhas de santo ficam hospedadas dentro da casa grande, pois é o local que facilita a troca de roupas e a organização das obrigações do *terreiro*. Existe uma separação entre aqueles que lavaram a cabeça e os demais. As pessoas que lavam a cabeça precisam passar por restrições e cuidados com a cabeça e também com a alimentação, como já citado.

Os netos de santo também têm tratamento diferenciado. Quando seu pai de santo faz a lavagem ambos ficam no mesmo quarto, mesmo que os netos de santo não estejam com a cabeça lavada, pois a hierarquia é respeitada.

Pais e filhos não podem ser separados, exceto se o pai de santo ou mãe de santo permitir e isso funciona para todas as regras das casas. Quem lava a cabeça é o pai de santo, o corte é feito por ele e quando o avô de santo faz o corte, ele sempre está acompanhado do pai de santo.

No início da noite, outra obrigação e mais batidas de tambores. Aos poucos, outros *terreiros* foram chegando e se acomodando pela casa, jantando em seguida. Além dos *terreiros* da cidade de Bacabal (MA), outros de outros municípios alugaram carros e vans para irem à festa.

Para receber os convidados, a casa de santo tem por volta de 19 quartos. As salas são divididas por panos e também se transformam em quartos. Em 2017 foram construídos mais quartos, mas o número ainda é insuficiente para a quantidade de convidados.

A distribuição dos *terreiros* visitantes pela casa ocorre por diversos fatores: pela aproximação de parentesco, como no caso do *Terreiro* de Dona Cícera, Dona Lúcia e Seu Antonio Luís. Essas casas de santo ficam sempre hospedadas em quartos dentro da casa grande e são padrinhos de casamento do meu pai e minha mãe. Outro fator é o tamanho (número de pessoas) do terreiro, a quantidade de tempo que ficará hospedada e também o horário que o terreiro chega na casa.

Os *terreiros* visitantes têm preferência por quartos individuais, no entanto, dependendo do número de casas de santo visitantes por dia, não é possível realizar essa preferência. Então, são colocados aqueles que têm mais proximidades no mesmo lugar, uma vez que acomodar *terreiros* rivais no mesmo quarto pode gerar sérios problemas.

Antes de instalar uma segunda casa no mesmo quarto é necessário conversar com o chefe e esse tipo de conversa é sempre delicada, pois os convidados preferem ter privacidade para conversar livremente e para trocar de roupa, pois sabe-se que naquele espaço os bens materiais ficam guardados.

Antes do início das batidas, entre o intervalo do jantar e recepção dos convidados, a radiola do DJ Macumba embala a noite. O quintal serve como espaço de lazer, onde simpatizantes e brincantes compram cerveja ou refrigerante e puxam uma cadeira para conversar, enquanto outros ficam dançando.

Cerca de oitocentas pessoas circulam durante todos os dias de festa. É no momento que antecede as batidas que a cerveja do bar é vendida, cinquenta e cinco grades de cervejas no total. Quando se aproxima das 23h é iniciado o processo de trocar de roupa.

A vestimenta para a abertura do primeiro dia sempre é branca, diferente daquela utilizada para as obrigações da manhã e da tarde e, nesse momento, a roupa era mais “apropriada”, como o pai disse, “a abertura do festejo merece roupa bonita, o povo vem ver a gente”.

Por volta da meia-noite e meia, todos seguimos para o *terreiro*, organizados em fileiras, seguindo a hierarquia da casa: pai de santo, em seguida, mãe pequena, depois guia e contra guia, seguidos dos filhos de sangue, no caso, minhas irmãs e eu. Atrás vem a guia de tambor da mata e, no fim da corrente, ficam os homens.

Os filhos de santo que já possuem seu *terreiro* e seus seguidores ficam atrás dos homens, formando uma grande corrente. *Terreiros* externos também seguem, mas isso só vale àqueles com muita proximidade com a casa anfitriã.

Depois dos toques de abertura, outras casas entram no *terreiro* e é de práxis na primeira noite os convidados vestirem branco, pois não é de bom tom vestir cores chamativas na abertura das festas. Durante a noite, aos poucos, os *terreiros* foram sendo chamados para cantar. Sabendo nessa hora que a diplomacia se apresenta, a cada pai de santo que fez o uso do microfone alguns minutos eram destinados para agradecer pelo convite, mencionando o chefe do *terreiro*, seguido pela solicitação de salvas de palmas. Então falavam da beleza da festa e do número de pessoas. Esses elementos demarcam a ética das casas.

Cada *terreiro* que entrava no salão sempre cumprimentava quem ficava próximo ao altar, ao lado da entrada, e sempre que o pai ou a mãe não estavam eu ficava fazendo as “honras” da casa. Em outros momentos, madrinha Domingas ou Lourenço Légua. Durante a primeira noite de 2017, nove *terreiros* passaram a noite brincando e o embalo seguiu o tambor no ritmo da mata, intercalado por batidas de Tambor de Mina.

Durante a primeira noite fiquei sentado próximo ao altar, cuidando para não faltar água aos brincantes. Vez ou outra saía da sala para o quintal acompanhado de entidades para conversar. O tambor continuou noite adentro.

Logo pela manhã os foguetes marcaram o despertar da vizinhança, às 6h muitos seguiam às pressas para acompanhar a passeata pelo quarteirão do bairro, pois todos os anos o tambor passa pelo bequinho com os brincantes, momento em que todos saem dançando pelas ruas que estão próximas ao *terreiro*. Nesse momento, não existia carro de som ou som mecânico.

Para todos, é como no “passado”, cantando no gogó, um tambozeiro vai segurando a cadeira que apara o tarol, outro vai levando o tambor entre as pernas e os demais sacodindo as cabaças e cantando. Os brincantes vão cantando e outros respondendo, uma vez ou outra, intercalados pelos foguetes. Muitos moradores saem às portas para ver, alguns já esperam o tradicional cortejo.

Esses momentos em que o *terreiro* vai à rua são marcadamente interfaciados por relações de amor e ódio pelos vizinhos, principalmente pelos evangélicos que não concordam com a prática religiosa. Próximo ao *terreiro* se encontra a igreja Assembleia de Deus e, em uma quadra próxima, se encontra uma praça, conhecida como Cleomenes Falcão, que se tornou a Praça da Bíblia, voltada principalmente aos cultos dos protestantes devido ao grande número de praticantes na região.

Quando o *terreiro* termina a passeata, a entrada de todos é por dentro da casa grande e quando se abre a porta todos entram dançando. Quando o tambor cruza a casa, todos que estavam dormindo se levantam e caminham em direção ao salão, onde por algum tempo continuam com a *brincadeira*. Enquanto alguns dançam, outros vão tomando o café da manhã, uma casa por vez.

Durante as festas existe uma grande fartura de alimentos, muitas frutas, pães, chás, cuscuz, leite, cafés, bolos, uma grande variedade durante todos os dias. A alimentação é um ponto importante da beleza das casas, pois um bom anfitrião precisa receber bem dentro das suas possibilidades econômicas, mas sempre visando também ser bem recebido.

Fazer uma festa e não ter uma boa alimentação é motivo de falatório, pois a casa pode ter uma bela roupa e muitos convidados, entretanto, não ofertar bons alimentos pode ter consequências negativas. É muito comum ter muitos alimentos e, corriqueiramente, é servido além do necessário.

A alimentação é uma demanda que requer dinheiro investido e muito tempo. A cozinha é composta por mulheres que ganham pelos dias em que ficam na beira do fogão cozinhando para as casas de santo, sendo que algumas têm isso como uma profissão e trabalham em outros *terreiros* também.

Antes de servir a alimentação, recorremos ao caderno onde estão anotados os nomes dos *terreiros* que cantaram na noite ou que chegaram posteriormente. É por esse instrumento que realizamos o controle para saber quem está na casa e, com base na ordem do caderno, as pessoas são chamadas para comer, sendo que minha mãe é quem sempre fica na cozinha para realizar o controle e somente sai de lá quando o último convidado se alimenta.

Em 2017, Weslania também ficou cuidando do controle e também ocorreu a mudança do local da cozinha, que agora fica ao lado do *terreiro*. O café da manhã foi servido na casa grande e o almoço e jantar na nova cozinha.

Durante o almoço são três mesas e cada uma é disponibilizada para um *terreiro* diferente entre os que almoçam ao mesmo tempo. Não importa quantos adeptos cada casa tenha, mas todo *terreiro* tem sua mesa posta e seu tempo respeitado, pois não é de bom tom que pessoas externas ao grupo que está comendo mexam na alimentação da mesa.

No segundo dia de festa, ainda no período da manhã, é preparada a pipoca da obrigação a Omolú. Essa obrigação tem o uso de pipoca e dendê e, em 2016, quem ficou encarregado de fazer a comida do santo foi Luciano e Lourenço Légua. O primeiro é filho de santo da casa e já possui seu *terreiro* que fica na cidade de São Luís Gonzaga do Maranhão (MA). Lourenço é uma entidade que fica incorporada em Maria Brechó, guia da casa.

Cada adepto tem a obrigação de levar um pano branco grande para cobrir o rosto na hora da obrigação, não podendo ficar com o rosto descoberto quando essas entidades estão incorporadas. Omolú no Terecô é conhecido como o senhor das doenças e da cura, sendo o orixá que faz a renovação dos espíritos e também o senhor dos mortos e regente dos cemitérios. Considerado o campo santo entre o mundo material e o mundo espiritual.

Esse é um ritual para as almas e são elas que descem para a obrigação. É considerado um ritual pesado, realizado principalmente para obter a cura de doenças de difícil tratamento e também espirituais, pois, segundo o meu pai, quem cura é Omolú.

Essa é uma obrigação no qual todos ficam sentados em um círculo, mas somente pessoas da casa participam, as demais ficam olhando. Existe o perigo de uma alma recém-desencarnada acompanhar uma pessoa, por isso as demais casas não gostam de participar, pois o pai de santo precisa ficar no controle da situação. Quando a alma incorpora é perceptível algumas mudanças no corpo do adepto. A pessoa que estava sentada cai ao chão, as mãos e os pés ficam incriminados, o rosto fica pálido e, por esse motivo, é necessário cobrir o rosto.

Aos poucos, uma a uma, vão deitando ao chão. É preciso que alguém fique ao lado balançando o pano para ter circulação de ar, caso contrário, tudo pode sair do controle. Para suspender a entidade, a primeira pessoa na hierarquia da casa é cuidada: passa-se dendê nas mãos e nos pés para desincriminar os dedos, coloca-se a pipoca na boca e levanta o adepto para que ele saia do transe. Em seguida, tratamos de levantar um a um, até que todos estejam bem.

Logo em seguida, Maria Flor solicitou que todos que tivessem um problema de saúde ou espiritual pegassem a pipoca e passassem por todo o corpo para limpar e pedir proteção.

Aos poucos todos vão ajudando a colocar as pipocas na toalha outra vez. Alguns cuidados precisam ser observados: é necessário estar concentrado, não se pode arrastar a pipoca com os pés, muito menos comer a pipoca, todos devem ficar de *cócora* empurrando com as mãos ou com o pano.

Quando toda a pipoca está no pano, todos seguem cantando “*Nublina, nublina, nublina aé, nublina nublina, nublina aé, ô levanta nublina pra cima aé, ô levanta nublina pra todos ver*”. O pano é atado e colocado na cabeça da mãe pequena ou alguém designado para isso.

Em 2017, a filha de santo Lindalva carregou na cabeça. Em seguida é formada uma corrente e todos vão parando nos altares até chegar ao cruzeiro, onde a pipoca fica até completar alguns dias, quando então é levada para ser entregue no cemitério para Omolú.

Quando termina essa obrigação, todos seguem para dentro do *terreiro*, então o tambor começa a ser tocado no ritmo da mata. Outros *terreiros* passaram a brincar na sala e, aos poucos, cada filho de santo da tenda de São Raimundo foi saindo do *terreiro* para trocar de roupa e vestir uma mais nova para sair em procissão.

É na procissão que o *terreiro* ganha o centro da cidade e as principais ruas do município. Dois santos são levados no andor: Nossa Senhora da Conceição e São Raimundo Nonato.

Nossa Senhora representa Oxum, orixá da Mãe Pequena, e São Raimundo, uma promessa realizada quando meu pai tinha sete anos e quase faleceu. Com o retorno a essa vida, ficou rezando para o santo e a promessa foi feita pela minha avó. A decoração dos andores é realizada pelo meu pai junto dos adeptos do *terreiro*, as cores da decoração são indicadas pelo meu pai.

Durante a procissão as pessoas pegam velas, acendem e vão seguindo todo o cortejo. No carro de som, cânticos da Umbanda e da Igreja Católica eram mesclados, pedidos de salvas e palavras de agradecimento foram ditas e por diversos momentos os nomes dos santos eram mencionados. Os homens ficaram encarregados de levar os dois andores, de forma que eles iam alternando durante todo o trajeto, tambozeiros da casa e convidados da festa.

É comum alguns *terreiros* chegam para participar da festa na segunda noite e logo seguem acompanhando a procissão. Os homens saíam com a roupa que estavam, uma boa parte de bermuda e camisa, outra de calça e camisa.

Durante todo o trajeto, em 2016, várias pessoas paravam para observar, cantar e agradecer, outras olhavam e repreendiam. A procissão passou por várias ruas e avenidas e, em algumas, entramos em vias de mão única, sendo todo o caminho guiado por Maria Flor, entidade do meu pai.

Ao final da procissão os andores foram colocados no salão, onde se rezou mais uma vez e assim foi fechado o ciclo na novena em homenagem a São Raimundo. Depois todos foram tirar as roupas, jantar e, em seguida, descansar. Nesse intervalo, outras casas ficaram sendo recepcionadas, enquanto o som do DJ Macumba colocava suas músicas. É nesse intervalo que os vizinhos entram na casa para beber uma cervejinha e conversar.

Nenhum ano é igual ao outro, temos tentado organizar uma lógica e, de certa forma, quem faz festa sabe que é difícil tudo acontecer como o planejado, principalmente em *terreiro*, quando temos um planejamento que escapa ao que foi definido, pois as entidades resolvem mudar o rumo de tudo na hora que é importante que ocorra.

O dia destinado ao uso da roupa nova era sempre a última noite de festa, desde a fundação do *terreiro* até 2014. Durante o festejo de 2015, o dia da roupa nova passou a ser a terceira noite de festa,

sendo que essa mudança ocasionou estranhamento nos adeptos do *terreiro* na época, principalmente por terem uma ideia “tradicional” da festa.

O chefe da casa e as entidades estão em constante negociação e, por isso, a mudança ocorreu. Não sabemos se foi algo extraordinário ou se nos anos vindouros um novo discurso da “tradição” entrará em cena. A noite da roupa nova em 2016 foi no terceiro dia de festa, assim como em 2017.

Em 2015 e nos anos anteriores o ritual da vestimenta ocorria com baião das princesas. Atualmente, a situação é outra. Quem veste a roupa para a inauguração da roupa é a entidade homenageada no chão da roupa. Em 2016, a roupa foi em homenagem a Ogum e suas falanges e foram eles que desceram para receber a roupa.

Em 2017 foi Xangô. A atração da festa é a roupa e todos os brincantes querem ver a casa que se veste melhor. Esse evento acaba chamando muito a atenção dos *terreiros*. Os convidados querem participar do dia da roupa nova, momento público e de grande importância para os grupos religiosos.

O terceiro dia também é de Oxóssi. À tarde tem obrigação com arriadas de Caboclos, ocorrendo por volta das 16h. Os caboclos são reis das matas, o poder das ervas e o domínio dos animais. Em grande maioria, a roupa verde predominava no ambiente, o som dos tambores no ritmo mais rápido, doutrinas fazendo referências aos povos das matas e à força dos caboclos eram algo bem marcante.

Nas portas do *terreiro* ficam duas pessoas para não deixarem os caboclos saírem, pois esta entidade não gosta de crianças e, caso saiam do *terreiro*, podem se esconder ou correr pela rua. Entre as entidades, os caboclos da linha de Oxóssi são entidades contrariadas pelo uso de roupas luxuosas. Essas entidades usam determinados paramentos contrariados e a melhor forma de agradá-los seria o adepto usar saia de palha, poucos colares e o rosto pintado, como no passado, onde o andamento das obrigações era realizado dessa forma, algo que foi sendo modificado com o tempo.

A casa de São Raimundo foi delineando um perfil de vestimenta que em certa medida coibiu o uso de saia de palha e vestimentas curtas. As brincantes mais antigas, Nazaré, dona Fátima e dona Angelina, dizem que seus corpos não são mais os mesmos. Elas já possuem muitos anos na casa, sendo que hoje elas se consideram senhoras e preferem roupas mais largas e compridas. Por esse motivo, seguem de forma mais aberta o padrão que as entidades Tambossas¹ querem para as vestimentas.

No final da obrigação, outras casas de santo continuaram levando o tambor, isso durou parte da tarde, encerrando à noite, cada um puxando sua doutrina. Quando sentei para descansar, observei que algumas pessoas que estavam observando as batidas fora do *terreiro* começaram a receber entidades e ir para dentro do salão, além de crianças e adolescentes começarem a dançar também.

O tambor ficou mais quente e na boca do tambor se formaram grupos, pessoas rodando e dançando de forma sincronizada, algumas batendo barriga com barriga, outras gritando, uma parte dançava e batia a cabeça no tambor.

Enquanto conversava com várias pessoas do *terreiro*, o tambor continuava durante parte da noite e, nesse período, novas casas de santo foram chegando. Por volta das 20h já havia 29 casas de santo, então o tambor deu uma parada para que todos descansassem e fosse servido o jantar.

Foi então que o DJ Macumba colocou músicas e muitos vizinhos e pessoas de outros bairros começaram a entrar pelo bequinho. Quando uma nova casa de santo chega, membros da casa anfitriã saem para a rua no intuito de saber quem chegou e quantas pessoas estão acompanhando.

1 Príncipes e princesas das águas.

Sempre fica um filho de santo da casa responsável por fazer as honras, passando boa parte do tempo com o caderno em mãos para fazer o controle de quem chega e quem vai embora, direcionando o local onde o convidado ficará hospedado. Todo o processo de indagação e convencimento para colocar dois terreiros em um mesmo quarto é feito por ele.

Quanto mais o terreiro vai ficando cheio com convidados e pessoas em geral, todos nós, do terreiro de São Raimundo, vamos ficando envaidecidos, pois é noite de *roupa nova* e ter muita gente é sinal de que houve prosperidade, isso significa ter força e uma festa bonita. Muitos escolhem essa noite para saber qual foi a roupa e como ocorreu o seu ritual de sentidos.

No período do jantar o trabalho na cozinha foi dobrado, pois a comida preparada durante a tarde não foi suficiente, então mais alimentos foram para as panelas e algumas filhas de santo saíram de seu descanso para ajudar. De certo modo, cinco cozinheiras não foram o suficiente. Depois de muita luta, todos jantaram e por volta das 22h30 o último convidado foi servido. Com o fim do jantar, as cozinheiras começaram o esquadrão de limpeza.

A meta era passar a madrugada cozinhando, pois o último dia de festa é considerado o mais difícil para a cozinha, já que a maioria dos convidados iria ficar para o outro dia. É na madrugada que elas tratam de fazer café e chá e, em alguns casos, servir algum caldo para quem não jantou.

Zero hora começa a correria para mudança de roupa. Aos poucos um a um chega à sala para esperar os demais. É nesse momento que as fotos são feitas e postadas no Facebook, principalmente dos mais novos. Os convidados que ficaram hospedados na casa tratam de trocar de roupa e elogiar.

No Terecô existem diversos grupos, alguns são mais próximos do terreiro e outros buscam apenas avaliar e falar mal de tudo, então, para esses grupos, o tratamento precisa ser redobrado para não ter falatório ruim no final.

Lembro-me de ter seguido a corrente de obrigação, passamos pelo quintal, passamos por entre as pessoas que estavam sentadas, logo em seguida entramos no salão. Muitas pessoas ficam observando todo o desenrolar da obrigação. Doutrinas para Xangô foram cantadas. Nesse momento, uma tontura leve foi sentida, seguida por um peso, e logo apaguei. Fui me perceber outra vez quando estava sentado, com doutrinas diferentes e toques de tambores mais acelerados.

Aos poucos, o salão foi ficando pequeno para tantas pessoas, quase impossível ficar dentro dele. Depois de algum tempo fui para o lado de fora. Com o nascer do sol já estávamos caminhando em direção à porta da rua. Muitas casas de santo foram acompanhando. Seguimos em direção ao centro da cidade, passando pela Praça Cleomenes Falcão, que hoje é a Praça da Bíblia. A ocupação desse espaço público que tem uso exclusivo aos evangélicos foi motivo de euforia por parte de todos.

Roupa nova só tem sua função ritual completa ao finalizar com esse momento político. Ir à rua traz um sentimento revigorante. Ao passar pelas portas de casas, pessoas seguem para observar e outras se escondem. No fluxo, o tambor vai sendo tocado.

Alguns praticantes ficam intimidados e preferem não participar desse momento. No entanto, o discurso de saída para rua tem se fortalecido nos últimos anos. O momento na praça e a reivindicação daquele espaço como lugar para todos foi muito importante.

No momento em que ocupamos o logradouro alguns evangélicos vieram tirar satisfação, resmungando, outros apontavam o dedo em nossa direção. Com os últimos ataques de intolerância religiosa no Brasil é preciso se resguardar desses tipos de violência, cada vez mais recorrentes.

Ocupar o espaço foi motivo de choro de algumas pessoas e, ao mesmo tempo, muita alegria. Muitos aproveitavam para usar o microfone para agradecer e chamar outras pessoas para a rua. Depois, caminhamos de volta para o terreiro e o embalo continuou por um bom tempo. Quem tinha ficado em casa foi para o salão.

Em 2016 alguns contratemplos ocorreram antes da obrigação de Ibeje. O bolo da obrigação não estava pronto, a mesa dos brinquedos também não. Foi então que Codó, Popo, Leane, Elines, Taty, Flávia e eu fomos organizar essas questões. Foi preciso comprar bolo e minha irmã Flávia se dirigiu até uma padaria, trazendo uma torta e diversos pedaços de bolos enrolados em papel alumínio.

Fiquei responsável pelos balões, Codó e Leane por arrumarem a decoração da mesa. Os demais pela arrumação dos brinquedos e organizar como estes seriam distribuídos, além dos doces e refrigerantes.

Desde muito cedo, diversas crianças foram chegando à casa e outras já estavam acompanhando seus familiares. Foi então que solicitei a ajuda de alguns para encher os balões enquanto eu amarrava e, entre uma conversa e outra, eles furtavam os bombons, além de brincarem entre eles.

O nosso tempo era muito curto e enquanto terminávamos essa parte de montagem, muitos já trocavam de roupas. As vestimentas variavam principalmente entre rosa e branco, cores usadas para homenagear os Erês, também chamados de crianças. São entidades que consomem elementos ligados ao açúcar. Além de serem altamente traquinas, são capazes de quebrar imagens, jogar o bolo na cara de outras pessoas, derramar refrigerante, além de molhar as roupas com algum tipo de líquido.

Essas entidades gostam de cantar, dançar, correr e brigar com outros Erês. De todas as obrigações, essa é a que mais agrega a participação de outros terreiros e de crianças, todos participam da brincadeira e se sentem envolvidos pelos tambores. Depois que a corrente entrou no terreiro, uma fila de crianças aguardava para receber os brinquedos, doces e refrigerantes.

Depois de entregar todos os brinquedos e servir as crianças, o terreiro estava cheio, com várias pessoas aguardando para cair na brincadeira. Meu pai não puxou a corrente de criança, deixou com Luciano e Noêmia a responsabilidade. Ambos são filhos de santo e também têm seus terreiros, o de Luciano em São Luís Gonzaga do Maranhão (MA) e o de Noêmia em Bacabal (MA).

Vários são Erês: a menina do maracujá, menino dalé, menina da beira do caminho, zezim, florzinha, mundim, chiquim, entre outros. Todos os balões foram estourados, litros de refrigerante estavam em todos os lugares, açúcar impregnando no chão, roupas estavam molhadas, bolo e pipoca eram facilmente encontrados nos cabelos dos brincantes.

Para muitos, esse é um momento muito divertido, pois você encontra senhoras, por exemplo, em situações fora do comum, sendo que os familiares tratam de filmar e fotografar para depois mostrarem o resultado da obrigação.

Costumo pensar cada ano como um ano diferente, com acontecimentos novos. Em 2017 tudo ocorreu diferente, a mesa do bolo já estava pronta, fiquei responsável por entregar os brinquedos e partir o bolo.

Depois de algum tempo, muita coisa começou a me perturbar. Minha mão estava pesada e a cabeça doendo, então passei o meu ofício para Weslania e fui entregar os presentes, ao mesmo tempo em que o tambor era tocado. Os Erês foram incorporando e dançando, muita brincadeira e risos, depois não lembro o que aconteceu.

De todas as correntes e obrigações tenho minha preferência por essa dos Erês, momento de total transformação, olhar para várias senhoras em situações não convencionais é extremamente revigo-

rante. Penso que os Erês são entidades mais humanas, mais poéticas e amorosas, muitos as concebem como o elo mais fraco, pouco centradas e altamente traquinas. O meu íntimo pensa elas de forma diferente.

Entidades da família de Légua reclamavam da bagunça, pois essas entidades não gostam desse tipo de brincadeira. Segundo Teresa Légua, as crianças não respeitam ninguém, são brigonas e babujam a sala. Depois da obrigação o tambor continuou rolando até o início da noite.

A roupa da última noite foi para as princesas, roupa nova do ano de 2015. Era para elas que a noite estava reservada. Bem diferente do ano anterior, os brincantes não estavam de chapéu e nem de leque. Todos vestiram as roupas e estavam com o pano de crochê na cabeça. Muitos já demonstravam certo abatimento, no entanto, queriam fechar bem a festa com a última noite. Todos seguiram para o salão e, logo em seguida, começaram os agradecimentos. Com salvas de palmas pediram força para no próximo ano estarem outra vez em obrigação.

Aos poucos, novos terreiros foram entrando na sala. Cantou-se algumas doutrinas para as Tambossas e, em seguida, o tambor virou para o ritmo da mata, chamando os Léguas para levarem a última noite. Cada casa de santo foi cantando suas doutrinas, sendo 26 presentes.

Quando amanheceu muitos foram indo embora e outros ficaram para tomar café e esperar o encerramento. A festa fecha com todos da casa, onde todas as correntes são passadas e logo em seguida todos rezam o terço. Os que ficaram na casa aproveitaram para tomar café.

Depois do café, todos vão recebendo seus pagamentos: os tambozeiros, os seguranças, as cozinheiras e o DJ. É quando a festa termina que todos os filhos procuram limpar a casa e os quartos, todas as oferendas são divididas entre os filhos de santo para serem despachadas em dias e horas específicas. Depois dessa divisão, inicia-se a confraternização, o momento de pós-festa.

Esse é o momento de falar da festa, de sorrir das coisas que deram certo e errado, momento de tratar sobre o que precisa ser melhorado e, principalmente, saber o que falaram da roupa nova. Estávamos acompanhados pela Mãe de Santo Meire Dalva e seus filhos de santo e ficamos bebendo até 22h. Ela pegou o carro às 23h do mesmo dia em direção à Imperatriz (MA).

Depois que todos vão embora é que começamos a sentir falta do movimento, do entra e sai de gente, do barulho do tambor e das trocas de roupas. Assim, ficamos na ansiedade para saber qual a roupa do próximo ano, quem será homenageado e, principalmente, em organizar o terreiro para pagar a dívida com as outras casas e nos preparar para as festas mais uma vez, até quando for possível.

Quando da finalização do texto, o terreiro estava passando por uma ampliação e reforma, dando encaminhamento para a festa de 2018, assim como já haviam sido definidas as cores da roupa e as visitas às demais casas de santo para o próximo festejo.

Terecô party in Bacabal

ABSTRACT

The following work focuses in a specific way in *Tenda Espírita Terreiro de São Raimundo Nonato*, my biological family's *terreiro*. Located in the central area of Maranhão state, in Bacabal city urban area, it has been running for 25 years and many parties happen in the annual cycle of the house. The party celebrating the patron happens between August 24th and September 3rd. In this party, new clothing are made, and many *terreiros* participate as well. It's a vast and multiple world, as the *terreiros* where the parties take place are different, and also the ritual clothing used. In the parties we have a space for "gift" circulation, in the sense given by Marcel Mauss, as the party is an universe that brings the religious world, and also the festive, social, political, economical, aesthetical and kinship relations worlds. The work's script consists in making remarks on some aspects of the fieldwork, that took place in 2016/2017, following questions about near alterity and party structuring.

Keywords: Party. Terreiro. Work.

REFERENCIAS

AHLERT, Martina. Cidade relicário: Uma etnografia sobre Terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão). Disponível em <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13742/1/2013_MartinaAhlert.pdf>. Acesso em 03 jan 2017.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. Formas sincréticas das religiões afro americanas: o Terecô de Codó (MA). Cadernos de Pesquisa. São Luv.14, n.2, jul./dez. 2003, p.95-108.

FREIRE, Fladney Francisco da Silva. POR UMA ANTROPOLOGIA COMPARTILHADA: Diálogos entre roupas e fotografias no Terecô. Disponível em <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8421?mode=full>>. Acesso em 06 jun 2018.

_____. TERCÔ: entre Memórias, Territórios e Conflitos. Outros Tempos, vol. 15, n. 25, 2018, p. 153- 169. ISSN: 1808-8031.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosaic & Naif, 2003.

PRADO, Regina de Paula Santos. Todo ano tem: as festas na estrutura social camponesa. São Luís: EDUFMA, 2007.

STRATHERN, Marilyn. O Gênero da dádiva. Campinas: Ed. Unicamp, 2006

VELHO, Gilberto. “Observando o Familiar”. In _____. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

MINIBIOGRAFIA

Fladney Francisco da Silva Freire

Doutorando em Antropologia Social e Mestre em Antropologia Social pela UFG. Graduado no curso de Licenciatura em Ciências Humanas (UFMA). Integrante do Grupo de Pesquisa, Religião e Cultura Popular (GPMINA). Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre África e o Sul Global (NEÁFRICA). Professor substituto do IFG(Uruaçu).